

O PROBLEMA DA ESCOLA – 1ª PARTE

Na semana passada apontamos a necessidade da mudança de atitude do professor em relação à sua prática profissional, hoje, dando continuidade às reflexões do mês do professor, abordaremos as causas da referida mudança.

Infelizmente nas escolas, raras são as ocasiões em que se percebe uma iniciativa de mudar alguma situação que não está dando certo. Como o trabalho da escola sempre envolve muitas pessoas: professores, funcionários, pais, alunos, comunidade... as mudanças são, freqüentemente, um transtorno para quem as promove. Por este motivo, historicamente, as mudanças no ambiente escolar originam-se de fora para dentro. A sociedade percebe a necessidade de modificação de algum ponto da estrutura escolar e reivindica sua efetivação. Pensando na função social da escola, nos defrontamos com um paradoxo que se resume na seguinte questão: se a escola pretende formar cidadãos críticos, reflexivos, independentes, como ela mesma não investiga e toma a iniciativa de mudar o que não dá certo em sua estrutura?

As reformas pelas quais passou a escola nos últimos anos quase sempre originaram-se na mudança de comportamento do aluno, na insatisfação dos pais e nos questionamentos da comunidade. A insatisfação do aluno pode ser facilmente percebida pelo seu desinteresse e apatia que, conseqüentemente, resultarão em queixas para os pais, que devem informar à escola tais questões. Só então, depois de muitas reclamações sobre o mesmo problema, a escola passa a dar importância aos relatos e começa a investigar o problema e possíveis futuras soluções. Como componente interno ou externo de várias escolas, pude presenciar situações de repetidas queixas em relação a determinado professor, de vários alunos e pais de turmas e turnos diferentes e somente depois de meses de constrangimentos e situações estressantes, a direção resolve enfrentar a situação para finalmente resolvê-la.

Essa lentidão na solução de problemas, que são comuns em um ambiente onde convivem muitas pessoas com formações e objetivos diferentes, gera naqueles que utilizam os serviços da escola grande desconfiança e insegurança. A escola passa a ser encarada como mais um ambiente onde “não adianta falar nada pois as coisas vão continuar da mesma maneira”. Num ambiente que por sua natureza, precisa ser reflexivo, tal situação não pode ocorrer. Na escola deve-se ensinar a busca pelos direitos, a necessidade de cumprimento dos deveres, o diálogo em torno de pontos de vista diferentes; portanto, em nenhuma hipótese, o aluno pode demonstrar conformismo com situações que considera erradas e sobre as quais a escola nega qualquer discussão.

Crianças de qualquer idade, jovens, adolescentes ou adultos precisam ser ouvidos pela escola. Se eu fosse diretor de uma escola pública ou particular, iria querer saber a opinião dos alunos sobre qualquer coisa, todo o tempo. Desta forma dividiria responsabilidades e compartilharia experiências, transformando as relações em relações de cumplicidade positiva, o que certamente, tornaria o ambiente muito mais agradável.